

# A África e o Brasil



*Alberto da Costa e Silva*

.....

**E**is que no areal dezenas de jovens puxam a rede do arrastão. Quer estejamos nos arredores de Luanda, em Popó Grande ou em Salvador, a cena é a mesma, e todos cantam no mesmo ritmo, embora as palavras sejam diferentes. Começo a erguer uma casa de sopapo perto da foz do rio Pungo e não mudo o jeito de fazê-la no sertão do Piauí. E saio de um palmeiral africano para um palmeiral brasileiro sem deixar a mesma paisagem.

Se os trópicos já eram semelhantes, ficaram mais semelhantes ainda após 500 anos de trocas transatlânticas e de constante infiltração do Índico nas águas que temos por nossas. Mandamos para a Costa e a Contracosta africanas a mandioca, o milho, o caju e o ananás, por exemplo, e de lá recebemos o inhame, o dendê e a malagueta. Até os nossos matos ficaram parecidos, porque para lá enviamos, sem querer, plantas sem uso e ervas daninhas, e de lá nos chegaram outras que tais. Sigo de automóvel de Ajudá para Abomé e pareço viajar entre o Rio de Janeiro e Campos dos Goitacazes.

Permutamos de tudo, ao longo da história: objetos caseiros, instrumentos de trabalho de música, modos de vida, comportamentos, comidas, técnicas de produção. Este garoto nigeriano que empina um papagaio, pipa, arraia ou pandorga ignora decerto que esse brinquedo, embora de origem chinesa, veio do Brasil, com os meninos que acompanhavam os pais, libertos africanos, de retorno à África. E a mulher que serve o *gari* não tem idéia de que repete os tupis ao fazer a farinha de mandioca. Feitas as contas, porém, parece que o lado de cá saiu ga-

nhando. A começar, porque a África povoou o Brasil. E ficou em nós, nas palavras que dizemos, tantas delas quimbundas, quicongas, umbundas, fons e iorubanas, e em nosso jeito de andar, de conversar, de gostar da rua, de cantar, de dançar, de viver. Muitos de nossos brinquedos tradicionais são africanos, e africanos muitos dos nossos medos infantis, e das mezinhas com que nos tratavam, e das histórias que ouvimos, pequeninos.

Se há semelhanças, há também diferenças. Pois o Brasil é extremamente diversificado em suas culturas regionais, e a África não é uma só, mas muitas. Acresce que nos próprios navios que transportavam africanos para o Brasil quase sempre se misturavam pessoas das mais distintas origens, arrancadas violentamente de suas terras. Cada uma trouxe um pouco da sua África, porém só um pouco, porque ninguém tem no corpo e na alma a totalidade de sua cultura, e trocou esse pouco com o que traziam as demais. Além disso, de muitas regiões da África não veio ninguém forçado para o Brasil, e, por isso, nelas não encontramos qualquer parecença conosco. Quando, porém, se chega a Luanda, a Benguela, a Lagos, a Porto Novo, a Aguê, a Popó Pequeno, a São Tomé ou à ilha de Santiago, a sensação que se tem é de que estamos entre vizinhos, quase em casa.

**Alberto da Costa e Silva** é natural da Cidade de São Paulo. Poeta, historiador e diplomata, formou-se no Instituto Rio Branco em 1957. Percorreu o mundo na carreira diplomática, brotando em seu coração um amor profundo pela África. É hoje o maior africanólogo entre os países da língua portuguesa. É membro da Academia Brasileira de Letras, onde foi seu presidente nos anos de 2002 e 2003.